

Estratégias de Aprendizagem e Dislexia

Autor(a): Suzane Guedes Sobrinho- (UEPB)

(suzane_gsobrinho@hotmail.com)

Coautor(es): Alana Barros Santos- (UEPB)

(alana_barros2011@hotmail.com)

Elizilma Almeida da Silva- (UEPB)

(zilmaalmeida2010@hotmail.com)

Resumo

O trabalho teve como objetivo discutir o tema dislexia, buscando subsídios teóricos através dos autores que pesquisam a temática, para auxiliar o professor a entender um pouco o que viria a ser tal transtorno de aprendizagem e como trabalhar com este diagnóstico dentro do espaço escolar. Para estruturar o trabalho, discorremos sobre os tipos de alfabetização mais usados em sala de aula e quais seriam aqueles mais viáveis para se trabalhar com crianças com dislexia, de acordo com a literatura. De acordo com a literatura consultada, o método multissensorial e o método fônico são especialmente indicados para trabalho com crianças com dislexia, por unir as modalidades auditiva, visual, sinestésica e tátil, facilitando a leitura e a escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e sinestésicos (os movimentos necessários para escrever aquela palavra); desenvolvem rima, discriminação de sons, segmentação fônica e relações entre os fonemas e os grafemas. A partir dessas constatações, concluímos que cabe a nós, professores, a tarefa de auxiliar a despertar as potencialidades da criança com dislexia, dando o suporte necessário para que o mesmo possa construir seu conhecimento de forma qualitativa, tomando a leitura e a escrita como algo que poderá gerar não apenas desafios, mas prazer, conhecimento e liberdade.

Palavras-Chaves: Dislexia, Alfabetização, Métodos.

Abstract

The study aimed to discuss the topic dyslexia, seeking theoretical support authors through researching the topic, to help the teacher understand a little what would be such a learning disorder and how to work with this diagnosis within the school environment. To structure the work, describes some of the most used types of literacy in the classroom and what would be more viable for those working with children with dyslexia, according to the literature. According to the literature, the multisensory phonics method and is especially suitable for working with children with dyslexia, by uniting the auditory, visual, kinesthetic and tactile modalities, facilitating the reading and writing to establish the connection between visual aspects (orthographic form of the word), auditory (phonological form) and synesthetic (the necessary movements to write

that word); develop rhyme, sound discrimination, phonic segmentation and relationships between phonemes and graphemes. From these findings, we conclude that it is up to us as teachers, the task of helping to awaken the potential of children with dyslexia, providing needed so that it can build its knowledge qualitatively support, taking reading and writing as something that can generate not only challenges, but pleasure, knowledge and freedom.

Key Words: Dyslexia, Literacy, Methods.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar breve análise da literatura sobre a temática que trata da concepção do que vem a ser a dislexia, além de discutir estratégias de aprendizagem que possam contribuir para que o aluno que tem tal transtorno possa obter êxito no processo de aquisição da leitura e da escrita. Que distúrbio é este? Como se dará a relação de um aluno disléxico com o professor e com os demais alunos? Quais suas características e principais causas?

É importante enfatizar o quão desafiador é trabalhar com uma criança que possua tal distúrbio, uma vez que irá demandar maior comprometimento do professor com aquela determinada criança e certo “jogo de cintura” do mesmo para trabalhar com esta, juntamente à turma. Faz-se necessário um aprofundamento sobre a temática, para uma preparação inicial acerca do tema, daí a importância deste estudo. Devido à variedade de questões acerca de um tema tão complexo, consideramos válida a análise de vários autores.

Tentando entender a dislexia

Os distúrbios de leitura e escrita atingem de forma severa cerca de 10% das crianças em idade escolar. Se forem considerados também os distúrbios leves, este percentual chega a 25% (PIÉRART, 1997). Logo, é fundamental avaliar tais distúrbios de leitura e introduzir intervenções apropriadas. Esse distúrbio é chamado dislexia nos países de língua francesa e de distúrbio de leitura nos países de língua inglesa.

Segundo o National Institute of Health americano, a dislexia é um dos vários tipos de distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas,

geralmente refletindo habilidades de processamento fonológico deficientes. (Orton Dyslexia Society, 1995, p. 2).

Atualmente, com os avanços da neurociência cognitiva, é possível compreender os aspectos neurológicos e cognitivos que subjazem aos padrões comportamentais encontrados na dislexia.

Segundo Frith (1997, *apud* CAPOVILLA, 2007), a dislexia pode ser compreendida como sendo resultante de uma interação entre aspectos biológicos, cognitivos e ambientais que não podem ser separados uns dos outros.

Existem três estratégias que podem ser usadas na leitura: alfabética, logográfica e a ortográfica:

* Logográfica, a palavra é tratada como um desenho;

* Alfabética, com o desenvolvimento da rota fonológica, implica o conhecimento das correspondências entre letras e fonemas durante codificação e decodificação;

* Ortográfica, há o desenvolvimento da rota lexical, e os níveis lexical e morfêmico são reconhecidos diretamente, sem a necessidade de conversão fonológica, de modo que a leitura caracteriza-se pelo processamento visual direto das palavras. (Capovilla, 2007, pág. 243).

As dificuldades de determinados tipos de processamento de informação são acarretadas devido a alterações neurológicas e cognitivas, evidenciando os distúrbios de leitura e escrita, em relação a alguns aspectos ambientais, como o tipo de ortografia e o método de alfabetização.

São destacados quatro tipos de ortografia, a começar pela alfabética transparente: que mapeia a fala no nível fonêmico, em que a relação entre letras e som é regular; em seguida vem à ortografia alfabética opaca, que por sua vez também mapeia a fala no nível fonêmico, mas cuja relação entre letras e som é irregular; em seguida a ortografia silábica: que diz respeito à fala no nível silábico, e por fim vem a ortografia ideográfica: onde a fala está em nível morfêmico, ou seja, em palavras.

Segundo Capovilla (2007, pág.57), dependendo da demanda requerida pela ortografia à qual a criança está exposta, a alteração cognitiva pode ou não prejudicar a aquisição da linguagem escrita. As demandas são diferentes porque as ortografias variam no tipo de mapeamento da fala.

Existem diferentes quadros de dislexia. A primeira é a visual, que se refere a distúrbios das análises visuais das palavras; a segunda é a dislexia de negligência, que também está ligado à área visual, mas com uma diferença: ignora a parte inicial das palavras; a terceira é a leitura letra a letra, onde a leitura da palavra é feita corretamente após soletração, apresentando dificuldade com letras cursivas, optando pelo uso da letra de forma; a quarta é a dislexia atencional, em que se tem dificuldade na codificação da posição das letras nas palavras, porém, a identificação paralela das letras está preservada; em seguida vem à dislexia fonológica, que tem dificuldade em realizar leitura de palavras desconhecidas, mas as que já se tem conhecimento são realizadas normalmente, representando 67% deste grupo (Boder, 1973), e por último vem a dislexia morfológica, que se apresenta com déficits na leitura de palavras irregulares e longas, representando 10% deste quadro.

Esta divisão das dislexias adquiridas tem sido aplicada às dislexias do desenvolvimento, especialmente a distinção entre a dislexia fonológica e a dislexia morfológica, ou seja, o distúrbio na rota fonológica e o distúrbio na rota lexical (Stanovich, Siegel, & Gottardo, 1997).

É importante que os profissionais da educação tenham conhecimento necessário para identificar traços de anormalidade no desenvolvimento das crianças, para poder conduzir a um diagnóstico especializado e realizar uma intervenção adequada. Uma distinção importante é entre problemas gerais de simbolização que abrangem qualquer tipo de simbolização e os problemas específicos de linguagem, essas dificuldades restritas à linguagem não são observadas nas tarefas não verbais.

Segundo a World Federation of Neurologist (1968, apud CAPOVILLA, 2007), dislexia do desenvolvimento é o distúrbio em que a criança, apesar de ter acesso à escolarização regular, tem dificuldade em adquirir as habilidades de leitura, escrita e soletração que seriam esperadas de acordo com seu desempenho intelectual.

Conforme o mesmo autor, todos os fatores envolvidos na dislexia interagem entre si. A partir da junção de diversos fatores é que o quadro de dislexia torna-se evidente, principalmente quando o indivíduo for exposto a uma ortografia alfabética, isto é, a uma ortografia que mapeie a fala no nível fonêmico (fator ambiental).

De acordo com pesquisas realizadas com gêmeos, há fortes evidências de que a dislexia é, ao menos em parte, devido a influências genéticas. No estudo de Bakwin (1973), foram avaliados 31 pares de gêmeos idênticos (monozigóticos) e 31 pares de fraternos (dizigóticos). A taxa de concordância foi de 91% nos gêmeos idênticos e de 54% nos gêmeos fraternos.

Outro fator importante são os aspectos neurológicos, estudos indicam que há alterações no cérebro de indivíduos disléxicos. Apesar de não poder afirmar que tais alterações causam diretamente a dislexia, é possível relacionar os padrões de alteração cerebral com padrões cognitivos e comportamentais observados em quem tem esse problema. (Galaburda, 1993; Hynd & Hiemenz, 1997).

Diversas habilidades cognitivas têm sido apontadas como causas da dislexia, como o processamento visual, o processamento fonológico, a memória de trabalho, a velocidade de processamento, entre outros (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2000). Entretanto, a teoria mais aceita atualmente é a Hipótese do Déficit Fonológico. Segundo esta teoria, as anormalidades cerebrais na região perissilviana do hemisfério esquerdo levariam às dificuldades cognitivas no processamento fonológico.

De acordo com o que foi visto anteriormente, observamos que todos os fatores envolvidos na dislexia interagem entre si. Nenhum deles consiste em um fator causal direto da dislexia, ou seja, nenhum deles isoladamente é a causa única da dislexia. Somente com uma junção de diversos fatores é que o quadro disléxico torna-se evidente. Mas tais alterações somente levarão ao quadro disléxico se o indivíduo for exposto a uma ortografia alfabética, isto é, a uma ortografia que analise a fala, pois, neste caso, o processamento fonológico é essencial à aquisição da leitura e da escrita.

Outro fator ambiental que influencia a dislexia é o tipo de instruções para a alfabetização que a criança recebe. Dois métodos de alfabetização são especialmente indicados para os indivíduos disléxicos: o método multissensorial e o método fônico.

Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização.

O método multissensorial busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças. Ao unir as modalidades auditiva, visual, cenestésica e tátil, este método facilita a leitura e a escrita, ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e cenestésicos (os movimentos necessários para escrever aquela palavra). Tiveram alguns autores que foram precursores neste método, um deles foi Maria Montessori (1948). Dando importância à participação ativa da criança durante a aprendizagem, como também ao movimento que foram visto como aspectos importantes na alfabetização. (Capovilla, 2000, pág. 66).

O método fônico, segundo Capovilla (2000, pág. 67) tem como característica o ensino das correspondências entre os sons e as letras e utiliza-se de atividades que desenvolvem rima, discriminação de sons, segmentação fônica e relações entre os fonemas e os grafemas, pois “as crianças disléxicas têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular de forma consciente, os sons da fala”.

Sendo assim o professor em sala de aula deve estar atento para que o aluno disléxico não seja discriminado pelos demais alunos. Se for necessário, devem ser transmitidas informações sobre o distúrbio para a classe como um todo; sempre com a devida precaução de não estar expondo o aluno ou colocando-o em situação vexatória. É importante buscar sempre incluí-lo em todas as atividades, fazendo com que o mesmo possa desenvolver suas habilidades.

Considerações finais

Ao concluir esse estudo fica um pouco mais claro o distúrbio da dislexia, dando oportunidade a nós futuros educadores refletirmos sobre o desenvolvimento da criança em seu cotidiano e na escola. Assim como sobre nossas práticas pedagógicas e nossa postura frente a esse problema.

O caminho para que o professor entenda como identificar traços de uma possível dislexia, encaminhar a um diagnóstico com um profissional especializado e intervir para

o bom desenvolvimento do aluno, está em uma boa formação profissional, que deve favorecer o conhecimento sobre o desenvolvimento da aprendizagem e das metodologias, quais são e como aplicá-las de acordo com a necessidade existente, oportunizando ao aluno um ensino de qualidade, partindo da realidade sociocultural vivenciada pelo mesmo.

Apesar das propostas atuais em educação, constata-se ainda uma prática que se aproxima da tradicional, de forma não reflexiva e não conhecedora de distúrbios que influenciam no desenvolvimento das habilidades da criança. A escola deve desenvolver nos alunos a capacidade de lidar com suas dificuldades, não deixando que isso venha prejudicar seu desempenho intelectual e o relacionamento com as outras pessoas.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Avaliação e intervenção em dislexia do desenvolvimento**. Em E. C. MIOTTO; M. C. S., Lucia; M. SCAFF (Orgs.), Neuropsicologia e as interfaces com as Neurociências (pp. 241-248). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2007.

CAPOVILLA, (Org.), **Neuropsicologia e Aprendizagem: Uma abordagem multidisciplinar** 2 ed. São Paulo, 2000.